

**ENTENDENDO A(S) HISTÓRIA(S) DA ÁFRICA. UMA
PRIMEIRA APROXIMAÇÃO A UM CONTINENTE
APARENTEMENTE CONHECIDO.**

Hector Guerra Hernandez¹

“Africa”, assim sem preâmbulo ou introdução, para muitos dos que nos últimos 15 anos dedicamos nossa atividade acadêmica na reflexão interdisciplinar deste enorme continente, não existiria para além de uma problemática conceitualização. A meu ver, entender a África como uma realidade e, portanto, como múltiplas e complexas realidades, nos obriga invariavelmente a renegar política e epistemologicamente este conceito e assumi-lo talvez, ou apenas, como uma expressão geográfica. Não é objeto nesta breve apresentação aprofundar este assunto. Certamente nos últimos 40 anos, a reflexão historiográfica em torno ao continente viveu um incremento considerável a nível internacional e, pelo menos nos últimos dez anos, também no Brasil.

Por outro lado, incentivar a reflexão acadêmica e histórica em torno ao continente africano sobretudo quando a referente área nem

¹ Professor de História da África na Universidade Federal do Paraná.

sequer aparece como subárea da História na plataforma *lattes*, se torna consequentemente um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade. É precisamente neste sentido último que proponho visitar esta coletânea. A oportunidade de se confrontar com a diversidade de aspectos que podem ser abrangidos no caminho da compreensão de uma historicidade multifacetada, polivalente, pluriversal e não necessariamente atrelada a um cronologicismo canônico limitador. Desta forma, pode-se enxergar as histórias deste continente a partir de eventos localizados em sua maioria no século XXI (embora haja vários deles localizados nos séculos XIX e XX), como um esforço de reflexão historiográfica de parte de alunos e alunas que são confrontados pela primeira vez com a temática.

Juan Navarrete, aluno de intercâmbio procedente da Universidade de Playa Ancha no Chile, aborda os recentes eventos acontecidos no norte do continente, especificamente no Egito e que foram rotulados como “primavera árabe”. Neste trabalho, o autor debruça-se sobre a convergência de diversos fatores que teriam desencadeado o que ele chama de “processo revolucionário” que acabou com governo autoritário de Hosni Mubarak, procurando corroborar e questionar esta hipótese mediante o estudo de diversos historiadores, o uso de índices internacionais e artigos de imprensa árabe e

internacional. Juliane Bernardes, aluna do terceiro período do bacharelado de História da Universidade Federal do Paraná, nos apresenta uma análise sobre o documentário *Darwin's Nightmare*. Nele a autora nos atenta, desde uma perspectiva histórica, para o embricamento da questão econômica na Tanzânia, entre pagar a dívida externa e promover o bem-estar da sociedade local em torno do Lago Vitória. A partir da introdução e desenvolvimento de uma espécie de peixe chamada Perca do Nilo dentro do lago e sua exportação para Europa, a autora realiza uma analogia do ditado popular “do mais forte subjugar o mais fraco”, discutindo o documentário e as conjunturas sociais e econômicas vivenciadas pelo país da costa oriental africana. Por sua vez, Daniela Calmon, aluna do último ano de direito da mesma universidade, partindo dos novos projetos de investimentos realizados pelo governo brasileiro, especificamente em Moçambique, busca entender as condições para implementação do programa de cooperação ProSavana entre Brasil, Moçambique e Japão e para a construção da mina de carvão de Moatize pela Vale, empresa multinacional brasileira, analisando as condições macroeconômicas e o fenômeno de reprimarização e nova disputa por recursos naturais do continente africano.

Francielly Barbosa, aluna do último ano do bacharelado de História da UFPR, discute questões relacionadas à ocupação e ao tráfico de escravos em Moçambique ao longo do século XIX, se baseando em uma comparação entre a ocupação dos povos Nguni no sul de Moçambique, no começo do século XIX e a ocupação portuguesa no final do mesmo século. Esta comparação busca refletir sobre as consequências destas ocupações para os povos locais, levando em consideração as similitudes e diferenças que estas ocupações teriam carregado para a formação do Estado Moçambicano. Barbara Caramuru, aluna do sétimo período do mesmo curso, dentro do contexto da colonização tardia do continente, analisa a emergência de Karl Peters, agente colonial que defendeu e aplicou a teoria racialista e imperialista na “África alemã”. Fundamentada no marco teórico levistraussiano (raça e história), a autora discute alguns conceitos vinculados ao darwinismo social, que legitimou no período estudado as práticas coloniais europeias, situando-a em uma posição de “supremacia” em função de um suposto patrimônio genético herdado. Finalmente, Igor Müller, aluno formado do curso de Comunicação Social da mesma Universidade, a partir de relatos de educadores e professores, assim como de outros colaboradores, todos eles redigidos pelos funcionários do Ministério de Segurança (“Stasi”) das delegacias

de Magdeburg na República Democrática Alemã, debruça-se sobre os constrangimentos corporais e subjetivos, bem como os legislativos, territoriais e semânticos, que acometeram os alunos moçambicanos enviados para formação técnico-científica (instauração do “homem novo”) na “Escola da Amizade”, em Stassfurt, como diretriz dos projetos ideológico-nacionais empreendidos entre este país europeu e a República Popular de Moçambique, durante seu período socialista.

Os artigos de Juan Navarrete, Juliane Bernardes e Francielly Barbosa são o resultado de trabalhos de conclusão na disciplina de Tópicos Especiais em História da África. O texto de Barbara Caramuru é o resultado de um trabalho de finalização da disciplina de História Contemporânea. O texto de Igor Müller corresponde ao primeiro estágio de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC) que finalizará em agosto de 2014. Finalmente, O texto de Daniela Calmon corresponde a uma reflexão inicial, a qual dará forma ao seu trabalho de conclusão de curso (TCC) em direito em 2014. Cada um destes artigos passaram por um processo de discussão sobre minha orientação, a qual, por sua vez, tentou deixar liberdade suficiente para os questionamentos, dúvidas e propostas heurísticas de cada um e uma dos/as alunos/as. Espero que esta seja a primeira de uma série de outras produções sobre o tema.